

Caio Fernando Abreu: a literary biography

Caio Fernando Abreu: uma biografia literária

Cyro Roberto de Melo Nascimento²



Data de Submissão: 11 abr. 2020.

Data de Aprovação: 20 mai. 2020.

Data de Publicação: 30 jun. 2020.

ABSTRACT: In this article we reflect on how the relationship between literature and the historical-social context is constructed from the work of writer Caio Fernando Abreu. When we analyze his literary text and the conditions of its publication, we see how the writing and personal trajectory of the author are marked by the constant social transformations of the country. His literary biography is strongly determined by the political conjuncture, as we see in the censorship imposed on his texts by the authoritarian regime and in his self-exile in Europe, which will appear as a recurring theme throughout the work. But not only is his life determined by the historical context, but also his literary theme in Gaius' texts will influence the way his generation thinks about itself in the face of the social maelstrom that marked that time. We can understand it as an example of the contemporary Brazilian literary experience, in which the Military Dictatorship and the redemocratization of the country will prove to be fundamental points in the composition of the fictional text, both when adopted as a theme, and in the impositions of the authoritarian regime to the authors to condition their writing to official censorship.

Keywords: Caio Fernando Abreu. Literary work. Biography.

RESUMO: No presente artigo refletimos sobre como se constrói a relação entre literatura e contexto histórico-social a partir da obra do escritor Caio Fernando Abreu. Ao analisarmos seu texto literário e as condições de sua publicação, verificamos como a escrita e a trajetória pessoal do autor estão marcadas pelas constantes transformações sociais do país. Sua biografia literária está fortemente determinada pela conjuntura política, como vemos na censura imposta a seus textos pelo regime autoritário e no seu autoexílio na Europa, que aparecerá como tema recorrente por toda a obra. Mas não só sua vida é determinada pelo contexto histórico, também a tematização literária deste nos textos de Caio influenciará a forma como sua geração se pensa diante do turbilhão social que marcou aquela época. Podemos entendê-la como um exemplo da experiência literária brasileira contemporânea, em que a Ditadura Militar e a redemocratização do país vão se revelar pontos fundamentais na composição do texto ficcional, tanto ao serem adotadas como tema, quanto nas imposições do regime autoritário aos autores para condicionarem sua escrita à censura oficial.

Palavras-chaves: Caio Fernando Abreu. Obra literária. Biografia.

¹ **Atribuição CC BY:** Este é um artigo de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.

² **E-mail principal de contato:** cyrojf@gmail.com. Doutor em Estudos da Linguagem, área de concentração em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre pelo mesmo programa. Possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Piauí (2001) e Pós-Graduação em Direito Processual Civil pelas Faculdades Integradas Jacarepaguá.

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira dos últimos 50 anos foi fortemente influenciada pelo processo político desencadeado pelo golpe militar de 1964 e pela posterior redemocratização do país. No presente texto, buscamos pensar como se constrói essa relação entre literatura e contexto histórico e social a partir da obra do escritor Caio Fernando Abreu.

O autor gaúcho, nascido em 1948, publica entre 1970 e 1996, ano de sua morte. Ao analisarmos seu texto literário e as condições de publicação, verificamos como sua escrita e sua trajetória pessoal estão marcadas pelas constantes transformações sociais do país. A biografia literária do autor está fortemente determinada pela conjuntura política, como vemos na censura imposta a seus textos pelo regime militar e no seu autoexílio na Europa, que aparecerá como tema recorrente por toda a obra. Mas não só sua vida é determinada pelo contexto histórico, também a tematização literária deste nos textos de Caio influenciará a forma como sua geração se pensa diante do turbilhão social que marcou aquela época. *Morangos Mofados*, sua principal coletânea de contos, lançada no início dos anos 1980, será recebida com entusiasmo por crítica e público, ávidos por entender o que tinham sido aqueles anos que acabavam de passar, enquanto se deparavam com uma nova década, que em nada se pareceria com seus sonhos de juventude enterrados pelo regime ditatorial.

Contudo, veremos também que a obra de Caio segue seu curso, adentrando os anos 1980 e 1990 com novos temas, como o advento da AIDS, e outros velhos temas, como um constante sentimento de deslocamento e a eterna busca por amor. A literatura serve então para mediar, com os recursos formais que lhe são inerentes, tanto uma reflexão do autor sobre os aspectos políticos e sociais que marcaram sua geração, quanto a recepção dessa geração aos temas por ele tematizados.

Ao vermos Caio Fernando Abreu como testemunha de seu tempo, sua trajetória pessoal-profissional nos serve como um importante relato das condições em que se construiu a literatura brasileira contemporânea.

2 UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICO-LITERÁRIA: LITERATURA E DITADURA

Um primeiro ponto que destacamos é a concepção de literatura que podemos atribuir a Caio, quando ele, por exemplo, afirma na epígrafe do

conto *Lixo e purpurina*, que se trata de um diário “em parte verdadeiro, em parte ficção.” (ABREU, 2002b, p. 97). Ou seja, o autor, ao retratar fatos verídicos, acaba criando algo que não é jornalismo ou documentário, mas que é, acima de tudo, literatura. É com essa concepção que analisamos a relação entre sua trajetória pessoal e literária.

Caio Fernando Abreu nasceu em 1948, na cidade de Santiago-RS, próxima à fronteira com o Uruguai e a Argentina, tendo residido durante a adolescência em Porto Alegre e, no início da vida adulta inicialmente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro. Também morou na Europa, principalmente em Londres e Estocolmo, na primeira metade dos anos 1970.

Escritor desde cedo, Caio vence um concurso literário na escola aos treze anos de idade e aos dezoito tem seu primeiro conto publicado na revista de circulação nacional *Cláudia*. Em 1967, escreve seu primeiro romance *Limite branco*, publicado apenas em 1971, um ano após ter lançado a coletânea de contos *Inventário do irremediável*, posteriormente reeditada com a grafia *Inventário do irremediável*. O primeiro livro possui aspectos autobiográficos ao relatar a mudança de um jovem de uma cidade do interior para Porto Alegre.

Estudante de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, curso que interromperia para se dedicar ao de arte dramática e que também restaria inacabado, torna-se amigo da artista plástica Maria Lídia Magliani e do também escritor João Gilberto Noll. O autor insere-se no espírito da época, deixa o cabelo crescer, experimenta drogas, assim como, em 1967, tem seu primeiro problema com o regime ditatorial: um colega de grupo teatral, que depois se descobriu ser informante da ditadura, ofende racialmente Maria Lídia. Ao reagir agressivamente à injúria, Caio e seus colegas de teatro acabam detidos. Semanas após, o escritor foi espancado em plena rua pelo grupo do informante.

Também em 1967, participa da seleção para integrar a primeira equipe da revista *Veja*, o que o leva a mudar-se de Porto Alegre para São Paulo. O escritor tem dificuldades para se adaptar à vida na metrópole paulistana, o que o deixa deprimido. Durante sua vida, voltará a reclamar da cidade em várias das cartas endereçadas aos amigos e publicadas postumamente em volume organizado por Italo Moriconi. A experiência da metrópole será reiteradamente retratada em seus contos, como em *Pela noite*, em que dois homens transitam por saunas, bares e boates da cidade.

Ainda que o trabalho como jornalista tenha sido uma constante para Caio, passando por meios de comunicação como *Isto É*, *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *Nova* e *Zero Hora*, entre outros, sua relação com a profissão não foi tranquila, tendo abandonado seus empregos várias vezes para se dedicar à escrita literária. Tais atitudes implicariam na precariedade de sobrevivência do autor que, tanto por meio de suas personagens, quanto nas cartas que escrevia, deixava clara sua situação financeira.

Ao ser informado que policiais do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) haviam ligado para a redação da *Veja* a sua procura, o escritor opta por refugiar-se no Casa do Sol, propriedade rural em que residia a escritora Hilda Hilst, a onze quilômetros de Campinas-SP, em que esta buscava se isolar da sociedade para mergulhar no exercício da escrita. Caio alterna breves temporadas na Casa do Sol com um retorno à casa dos pais, já residentes em Porto Alegre, e idas ao Rio de Janeiro.

O ano de publicação de *Inventário do irremediável* coincide com a estadia do autor na casa dos pais, período em que se dedica a experiências com drogas lisérgicas e sexo coletivo. No ano seguinte ele se muda para o Rio de Janeiro. Totalmente identificado com o ideário *hippie*, o autor continua as experiências comunitárias contraculturais e chega a ser preso em um falso flagrante de porte de drogas.

Em 1973, Caio parte em grupo para Europa, continente em que viverá de forma precária, trabalhando algum tempo como lavador de pratos em um restaurante de Estocolmo. Ele e os colegas com quem dividia apartamento cometeriam pequenos furtos, principalmente de comida. Após, ele se muda para Londres, onde é detido e multado por furtar livros e resolve voltar ao Brasil. Em *Lixo e purpurina*, conto de *Ovelhas negras*, é narrada literariamente a experiência europeia do autor, relatando, por exemplo, a moradia sem aquecimento, a falta de dinheiro para o café e uma humilhante revista policial, numa espécie de diário “em parte verdadeiro, em parte ficção” (ABREU, 2002b) como o próprio Caio ressalta na epígrafe do texto.

Em 1975, publica *O ovo apunhalado* coletânea de contos que produziu ao longo dos anos anteriores fortemente marcada pela influência literária de Clarice Lispector e pelas experiências com drogas lisérgicas. Dois anos antes, o manuscrito ganhara menção honrosa do Prêmio Nacional de Ficção, mas só consegue ser publicado após este

interregno e com vários contos censurados pelo Instituto Estadual do Livro (IEL) do Rio Grande do Sul. No mesmo ano, o autor vê sua peça *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora* ser premiada pelo Serviço Nacional de Teatro e em seguida censurada pelo IEL. Por essa época, participa de várias coletâneas de contos gaúchos e torna-se uma figura conhecida no meio literário do estado. Também colabora com a imprensa alternativa, especialmente entre 1974 e 1976.

Ainda em 1975, o autor é preso e espancado durante uma temporada com amigos na praia de Garopaba, no litoral catarinense. O motivo da prisão seria a presença no grupo de uma militante política. Publicado em *Pedras de Calcutá*, livro seguinte de Caio datado de 1977, o conto *Garopaba mon amour* pode ser lido como uma alusão ao evento. Tendo o autor rompido com o sonho *hippie* em 1975 (ABREU, 2002b, p. 74), o livro relaciona temas ligados à contracultura com o contexto histórico repressor. Assim, o ato sexual anônimo resulta em violência por parte do próprio objeto de desejo em *Caçada* e o amor entre dois homens termina com a loucura de ambos em *Uma história de borboletas*. Tudo isto num universo literário repleto de referências musicais e cinematográficas da época, em meio ao cenário urbano caótico e estranho, em que velhos amigos se reencontram após anos apenas para compartilharem sua frieza e distância, em *Paris não é uma festa*.

Esses temas se farão ainda mais presentes em sua principal obra, *Morangos mofados*, lançada em 1982, coletânea de contos em que faz uma revisão da trajetória de sua geração, desde o início do sonho da contracultura, sua resistência ao autoritarismo político e, por fim, sua decadência na segunda metade da década de 1970.

No interstício entre as duas obras, o autor intercala estadias entre Rio, São Paulo e Porto Alegre e tenta conciliar sua profissão de jornalista ao exercício da literatura, chegando mesmo a pedir demissão da revista *Nova* para se dedicar à conclusão do livro. Intercala também relacionamentos afetivos pouco duradouros, numa crescente vivência homossexual que se sobrepõe às experiências heterossexuais anteriores. Um importante dado biográfico do autor é a fugacidade de suas relações, certamente representada na sua obra literária como uma constante busca por afeto e pelo “outro”. Como já dissemos, não entendemos a obra do escritor como um espelho exato da realidade, mas compreendemos que sua escrita está

ligada ao contexto em que é produzida, inclusive quanto aos aspectos subjetivos de suas personagens.

Ainda que tenha alcançado sucesso imediato, *Morangos mofados* levou quase dois anos para ser publicado, devido ao desinteresse da editora detentora de seus direitos de publicação. Mesmo após esse livro, o escritor enfrentaria dificuldades para subsistir com o exercício da literatura, ainda que diversas de suas peças tenham sido montadas e alguns contos adaptados ao cinema e ao teatro. Já nos anos 1990, em temporada na Europa para lançar seus livros, Caio procura emprego como faxineiro ou garçom para se manter financeiramente, enquanto faz *freelances* para a imprensa brasileira. O autor também consideraria sua obra subvalorizada: “em fins de vida, reclamava que *Ovelhas negras* recebera mais atenção pelo fato de Caio ter assumido publicamente a AIDS, que por sua relevância literária” (BESSA, 2002, p. 78).

3 ESCRITA NA REDEMOCRATIZAÇÃO: NOVOS TEMAS LITERÁRIOS

Na esteira do sucesso de público e crítica de *Morangos mofados*, Caio lança *Triângulo das águas*, conjunto de três contos ganhador do prêmio Jabuti em 1983. Nele, o autor abre sua reflexão à nova conjuntura social que se define com a redemocratização. No já citado *Pela noite*, por exemplo, surge uma das primeiras referências à AIDS em nossa literatura, escrita no mesmo ano em que morre o estilista Markito, primeira vítima famosa da doença no país. Também neste conto os valores da contracultura aparecem transmutados para uma experiência individualista que sucede a utopia coletivista da década anterior, como representado pela personagem Pérsio.

Nesta época, o escritor vive seu mais sério relacionamento amoroso, com um jovem ator de Porto Alegre que se muda para o Rio de Janeiro para acompanhá-lo durante o namoro, que durou pouco mais de um ano. Na década de 1980, Caio repete a década anterior quanto às estadias entre Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, bem como quanto à fugacidade de seus relacionamentos e às dificuldades financeiras.

Até 1988, o autor publica mais dois livros, *As frangas* e *Os dragões não conhecem o paraíso*. O primeiro é sua única obra dedicada ao público infantil, embora temas caros à sua obra adulta estejam presentes, como a solidão e o senso de deslocamento dos indivíduos. Estes temas, aliás,

dominam o segundo livro, que, segundo o autor, trata do amor em seus contos.

Em *Os dragões não conhecem o paraíso*, ganhador do prêmio Jabuti daquele ano, várias personagens aparentam ter a mesma idade do autor e o tema do amor e seus percalços aflora livremente num contexto plenamente democrático em que as experiências da contracultura e da repressão política já podem ser avaliadas com alguma distância temporal. Nele, o tema da AIDS, do desejo e da solidão são abordados com mais clareza que em obras anteriores como se o momento histórico permitisse uma maior liberdade de escrita.

A *Os dragões...*, segue o romance de 1990, *Onde andaré Dulce Veiga?*, que trata de um repórter em busca de uma famosa cantora desaparecida. Esse é o segundo e último romance do autor (o primeiro foi *Limite branco* escrito aos 19 anos de idade) e a narrativa mais longa permite que se reúnam nela diversos temas abordados ao longo de toda sua obra. Trata-se de um jornalista que, no final dos anos 1980, busca a cantora Dulce Veiga, desaparecida vinte anos antes. A jornada o faz reencontrar seu passado, as divas da MPB, as experiências de sexo livre e uso de drogas como forma de expansão da consciência que marcaram a juventude contracultural, a repressão do regime ditatorial que prende o amante da cantora, a vida nômade dos jovens *hippies*, etc. Todos esses temas são retomados, mas agora sob a luz da nova realidade do país redemocratizado, da juventude que abandonou o sonho da vida alternativa e mergulhou num mundo marcado pela AIDS.

De fato, várias personagens são portadoras do vírus HIV, inclusive o narrador-protagonista. À época o escritor já desconfiava comungar da situação de suas personagens, tendo desenvolvido inflamações e infecções após retornar do lançamento de seus livros na Europa. Mas é importante ressaltar que a doença não assume um caráter autobiográfico nas narrativas do autor, uma vez que o pioneirismo de Caio em representar literariamente a doença é anterior a seu diagnóstico. De fato, como dissemos, a primeira menção se faz em *Pela noite*, onze anos antes dele descobrir-se infectado. Assim a doença se configura ao longo da obra não como um traço autobiográfico, mas como uma metáfora para a solidão e deslocamento das personagens nos contos. Esses sentimentos estão claros em todas elas, expresso em seus desejos de reencontrar Dulce Veiga e, assim, retomar um passado que, infelizmente, não podia ser revivido.

Após o romance, o autor retorna ao continente europeu em 1992, por meio de uma bolsa do governo francês para escritores estrangeiros. Em Saint-Nazaire, escreve *Bem longe de Marienbad*, conto publicado primeiramente em francês e após em português no volume *Estranhos estrangeiros*, de 1996. O tema do conto é um narrador que tenta localizar um amado que está em constante fuga. Em certo ponto, ele percebe que a sua experiência é pautada mais pela busca de quem ama que pelo encontro afetivo em si. A conclusão da personagem ecoa a tematização do afeto na obra do autor, em que predomina a eterna ansiedade da procura, algo que se revela mais válido que a própria realização do afeto.

Em 1994, após também retornar da Europa, Caio queda-se doente e, ao fazer o teste, descobre-se portador do vírus HIV. A reação do autor seria publicar três crônicas no jornal *O Estado de São Paulo*, tornando pública sua condição, e retornar à casa dos pais, em Porto Alegre. As *Cartas além dos muros*, como ele chama as crônicas que tornaram pública sua condição positiva, alcançam grande repercussão na mídia e põem o tema na ordem do dia, tendo Caio sido entrevistado por diversos veículos da mídia nacional. Seus dois últimos anos de vida são dedicados à publicação de *Ovelhas negras* com o apanhado de contos escritos e não publicados à época em que foram concebidos. Essa coletânea revela certa coesão temática do autor ao longo de sua vida literária, com a reiteração de temas como a permanente espera pelo amor, os desencontros afetivos, os sonhos da geração contracultural e a repressão não apenas do regime militar, mas

também dos cidadãos que incorporam uma mentalidade autoritária, a violência urbana entre outros.

Caio dedicou-se também à escrita dos contos que comporiam, junto de *Bem longe de Marienbad*, o volume *Estranhos estrangeiros*. República ainda seu primeiro livro, *Inventário do irremediável*, que passa a ser grafado *Inventário do irremediável*. Outro fato importante é a visita a Santiago, sua cidade natal, no final de 1995.

Caio falece de pneumonia em fevereiro de 1996. A sua morte sucedem-se as publicações do volume de crônicas *Pequenas epifanias*, do *Teatro completo* (os dois em 1996) e *Caio Fernando Abreu: Cartas* (2002, organização de Italo Moriconi).

4 CONCLUSÃO

Como vimos em nosso texto, a trajetória pessoal e literária de Caio Fernando Abreu foi fortemente influenciada pelo contexto histórico em que se desenvolveu. Podemos entendê-la como um exemplo da experiência literária brasileira contemporânea, em que a Ditadura Militar e a redemocratização do país vão se revelar pontos fundamentais na composição do texto ficcional, tanto ao serem adotados como tema, quanto nas imposições que a primeira trazia aos autores em condicionar sua escrita à censura oficial.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. *As frangas*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2002a.

_____. *Dois ou três coisas sobre os anos 80*. In _____. *Jornal do Brasil*, 02 de junho de 1985. Disponível em <http://caiofcaio.blogspot.com.br/2013/01/duas-ou-tres-coisas-sobre-os-anos-80.html>, acessado em 12 de setembro de 2013.

_____. *Estranhos estrangeiros e pela noite*. São Paulo: Companhia das Letras: 1996.

_____. *Inventário do irremediável*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 1995. Em http://www.4shared.com/get/27RR8wZU/Caio_Fernand_o_Abreu_-_Inventri.html acessado em 09/10/2011.

_____. *Limite Branco*. Rio de Janeiro: Agir, 2007a.

_____. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005a.

_____. *Onde andaré Dulce Veiga? um romance B*. Rio de Janeiro: Agir, 2007b.

_____. *O ovo apunhalado*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

_____. *Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002b.

_____. *Pedras de Calcutá*. Rio de Janeiro: Agir, 2007c.

_____. *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

_____. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. *Triângulo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 2005b.

BESSA, Marcelo Secron. *Os perigosos: autobiografias & AIDS*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MORICONI, Italo (org). **Caio Fernando Abreu**: Cartas. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

How to cite (ABNT)

NASCIMENTO, Cyro Roberto de Melo. Caio Fernando Abreu: a literary biography. **JOSSHE**: Journal of Social Sciences, Humanities and Research in Education. v. 3, n. 1, p. 22-27, Jan./June, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.46866/josse.2020.v3.n1.84>.